



**CONFISSÕES DE RATAZANAS
UMA PERSPECTIVA SOBRE A AUTOFIÇÃO**

**CONFESIONES DE RATAS
UNA PERSPECTIVA SOBRE LA AUTOFICCIÓN**

**CONFESSIONS OF RATS
A PERSPECTIVE ON AUTOFICTION**

Leandro Sousa Alves

<https://orcid.org/0009-0001-2158-1030>¹

Resumo

A partir de uma investigação prática, este artigo apresenta a criação de uma narrativa performativa (*Diário de uma Bixa*); a análise do processo criativo através da relação entre real e ficcional, presente na pesquisa de Sérgio Blanco (2018); e uma reflexão sobre o contexto político da inserção de corpos dissidentes na contemporaneidade. O trabalho tem como objetivo contribuir com os estudos da prática como pesquisa, estabelecer uma relação entre o erotismo e a criação e pensar a escrita a partir da experiência. Desse modo, os disparadores criativos, os estudos teóricos e a reflexão sociopolítica atravessam a narrativa performativa e a análise proposta, apresentando-se como resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Narrativa performativa; real; ficcional; erotismo; criação.

Resumen

A partir de una investigación práctica, este artículo presenta la creación de una narrativa performativa (*Diário de uma Bixa*); el análisis del proceso creativo a través de la relación entre lo real y lo ficticio, presente en la investigación de Sérgio Blanco (2018); y una reflexión sobre el contexto político de la inserción de cuerpos disidentes en la contemporaneidad. El trabajo tiene como objetivo contribuir a los estudios de la práctica como investigación, establecer una relación entre el erotismo y la creación, y pensar la escritura a partir de la experiencia. De este modo, los desencadenantes

¹ Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAC/ IARTE/ UFU), pesquisa concluída em 2023, Área de estudo: Artes Cênicas, orientado pelo Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva e coorientada pelo Prof. Dr. Getúlio Góis de Araújo, ator, fotógrafo e professor.

creativos, los estudios teóricos y la reflexión sociopolítica atraviesan la narrativa performativa y el análisis propuesto, presentándose como resultados de la investigación.

Palabras clave: Narrativa performativa; real; ficticio; erotismo; creación.

Abstract

This article presents, based on practical investigation, the creation of a performative narrative (*Diário de uma Bixa*); an analysis of the creative process through the relationship between reality and fiction, as found in Sérgio Blanco's research (2018); and a reflection on the political context of integrating queers bodies in contemporary society. The aim of this work is to contribute to studies on practice as research, establish a connection between eroticism and creation, and contemplate writing from experience. Thus, creative triggers, theoretical studies, and sociopolitical reflection permeate the performative narrative and the proposed analysis, emerging as research outcomes.

Keywords: Performative narrative; reality; fiction; eroticism; creation.

O texto a seguir é uma dramaturgia autoficcional. O texto a seguir é uma convocação performativa. O texto a seguir é uma reflexão sobre a cena *cuir*. O texto a seguir não é... Neste trabalho, busco na palavra o estado liminar entre Arte e Vida, entre linguagens. Procuo não me ocupar com as definições do que poderia ser aquilo que espontaneamente nasce no ato criativo. Este não é um texto para ser lido de forma silenciosa, internalizada. Convido o leitor a dar vida às palavras, tornar audível o berro manifesto, performar a bixa que fala de si e de nós.

Diário de uma bixa

(Suspiros, gemidos, suor, gozo...)

Aqui, diante de você, jaz uma bixa morta. Nasci e vivi toda minha vida assim, morta.

A morte é uma interrupção natural da existência de qualquer ser que habita a Terra. Parece óbvio, não é mesmo?! Para bixas como eu, a morte é algo mais específico, é uma sombra púrpura e suave que se faz presente a cada instante. Por favor, não derrame lágrimas na minha lápide, estar morta não é tão ruim assim! Ainda consigo assistir a minha história repetindo-se e gosto particularmente dos detalhes mais picantes, das safadezas que interrompem a anestesia do cotidiano e criam um pequeno tempo de gozo. Mas afinal, o que vem depois do fim? Para onde vão as bixas?

Para o inferno, o céu, o limbo? Não sejam ingênuas, aqui estou eu. Nascermos mortos, procuramos a vida no tempo em vida e quando encerramos o ciclo nunca saímos daqui.

A morte nos instiga, a vida não. Você acha que sabe o que é viver, mas te garanto que não sabe. Demorei a entender que sou feito de sexo. Tudo em mim ainda pulsa, vibra, escorre e relaxa. Isso foi o que fui e o que sempre serei, aliás seremos. Não se engane com fantasias conservadoras sobre o milagre da vida. A origem de tudo é simples, surge de uma mistura gostosa de gemidos, respiração ofegante, tensão e um profundo relaxamento que vem com o gozo. Somos mais parecidos do que você imagina, prezado interlocutor. Você e eu, compartilhamos a mesma experiência de prazer e descontinuidade dos nossos progenitores. Somos obras inéditas!

Já notou como o sexo está presente em diferentes dimensões das nossas vidas? Trepar é algo que ocupa nossa imaginação, habita nossas peles e se faz presente nos nossos discursos, mesmo para aqueles que não vêem o sexo como uma necessidade. Mas esse não é o meu caso, gosto de fuder! Gostava, bixas mortas não fodem. Somos *voyeurs*, espectadoras do espetáculo de vocês viventes!

Quando viva, não queria ser plateia sonhava em ser ator. Vestir um blazer risca de giz e ser um aristocrata branco do século XIX. Em outro dia, colocar uma peruca ruiva e ser uma puta insolente. Fazer aqueles exercícios esquisitos de respiração corpo a corpo que atores e atrizes adoram. Queria encarnar, trazendo para a carne, o que nunca tive coragem durante a minha breve passagem pela Terra. Só os atores são felizes! Acreditam tanto no que falam, que falam que são aquilo que criam. Deve ser bom ser artista, mas não fui.

Sempre tive esse desejo de me destacar no meio da multidão. É como se quisesse ser protagonista das histórias daqueles que passavam ao meu lado. Uma fantasia que, às vezes, ainda ocupa a minha cabeça, talvez a sua e de outras tantas. Ao mesmo tempo, havia também um medo de ser exposto e julgado. Talvez você já tenha ouvido uma expressão popular que diz algo como: Coloque uma calcinha ou cueca nova, vai que você sofre um acidente. A expressão diz que você deve estar preparado para o imprevisto, como uma ocasião que tem 50 por cento de chances de acontecer. A vida é cheia de surpresas, tudo pode se transformar e de repente você se vê assim, morta. Olhe só para mim! Não temos controle sobre muita coisa, na verdade sobre nada. O que me chama a atenção não é o fato de tentar preparar-se para aquilo que é incontrolável, mas o cuidado com o íntimo.

Íntimo é uma palavra interessante. Pronuncie vagorosamente e perceba como o som da palavra te conduz para dentro: Ín-ti-mo! A primeira sílaba marcada com o acento agudo no I indica um impulso, como um susto quando somos pegos de surpresa. Então damos um leve salto e contraímos a musculatura, mas logo em seguida vem o TI, um som chiado, sussurrado como quando confessamos

algo no ouvido de alguém. E a palavra termina deliciosamente com esse MO formando um biquinho tipicamente francês e safado, *Mon amour!*

Pesquisei a pronúncia dessa palavra em outras línguas, mas não achei nada tão sensual como íntimo em português. Que língua gostosa de se falar! A definição do termo também me instiga. Íntimo remete aquilo que é particular, privado, ou seja, ao que diz respeito somente a você. É um interdito e quando revelado deixa de ser íntimo.

Tenho falado muito sobre mim. Agora é sua vez: se você deixasse de existir nesse exato momento, o que gostaria de apagar? O histórico de navegação do computador, as mensagens no direct, a calcinha frouxa, as revistas pornográficas debaixo do colchão, algum segredo revelado a alguém que não faz mais parte do seu círculo de amizades, uma memória vexatória, um crime, uma doença? Se sofresse um acidente agora, estaria usando o que? Sinto te informar, qualquer dia você será como eu. Uma bixa morta!

Antes de chegar de fato ao acontecimento que colocou um ponto final na minha experiência bixa, retorno às minhas memórias para provar a você que a morte de uma bixa não é um fato, é um berro.

Não tive tempo de gritar nos últimos instantes, morri sufocado com as palavras que nunca disse e com as mãos que apertavam minha glote, impedindo a entrada do ar e a saída do berro manifesto de vida. Se não tive a oportunidade naquele momento, então o faço agora.

Nasci criança viada no início da década de 90. Vivi a primeira década inteira esperando o apocalipse da virada do milênio. Essa foi a primeira vez que a sombra púrpura me visitou. Pouco antes da meia noite do ano 2000 despedi-me dos meus pais, das bonecas improvisadas com cadarços e sacolas plásticas e das fantasias que sonhei para a vida adulta, olhei para o céu e esperei o fim. Estava pronto, entregue ao desconhecido. Tentei rezar, mas nunca fui muito bom com reza. Enquanto escutava a contagem regressiva dos familiares bêbados que narravam os possíveis últimos segundos de vida com tanto entusiasmo, lembrei-me da minha mãe. Cerrei os olhos, abri a boca e soltei um berro silencioso chamando-a.

Sempre tive uma admiração fora do comum por ela. Gostava de vê-la esticando os longos cabelos na frente do espelho e da forma imponente como falava com todos. Ela parecia nunca errar! Sempre me olhou com carinho e sabia exatamente quando ir embora. A propósito, essa é uma habilidade que não desenvolvi. Sentia-me tão grande quando ouvia que era parecido com ela. Gostava de imaginar que depois de homem feito, seria Eva, minha mãe.

O desejo de ser Eva foi meu primeiro interdito. Com uma camisa na cabeça imitando os longos cabelos de minha mãe, performava a feminilidade trancado no quarto. Vivia histórias de amor que finalizavam com sexo ardente, enfiando objetos fálicos na bunda ou comendo o buraco no colchão que fiz especialmente para esse fim. Pecava como Eva, aquela da bíblia, deliciando-me com o fruto proibido. E assim como ela, fui banido do paraíso ao ser pego com a boca cheia de vitamina que o vizinho carinhosamente me oferecia quando estava só. Eva que na mitologia bíblica havia sido expulsa, abortou-me do seu ventre. Meu íntimo foi violado e novamente vi a tal sombra que daquele dia em diante passaria a ser minha nova mãe. Apertei todos os orifícios de saídas e entradas do meu corpo e senti meus ossos ressoando com o berro que engoli aquele dia.

Não me diga que está comovida com essa história boba de viado sofrido. Se essa não é a sua história, certamente deve conhecer essa narrativa de algum filme, música ou peça de teatro. Os artistas adoram feridas abertas, ficam como moscas zumbindo em volta do lixo. Eles não têm problemas, se não se alimentam da podridão dos outros, transformam sua imundice em Arte. É por isso que afirmo que só quem está no palco é feliz. No palco é tudo mentira, tudo acontece com uma linda trilha sonora e luzes coloridas. Até a dor é bonita na cena, na vida não é assim. Se molhou os olhos querida, enxugue. Ainda nem contei como ganhei o título de bixa passada, morta!

Minha nova mãe passou a me visitar com mais frequência. A cada nova paixão ou momento sexual lá estava ela me olhando como aliás, faço com vocês nesse exato momento. Paixões eu tive muitas, sexo também. Só não aprendi o que é o amor. Alguém sabe o que é essa merda de sentimento? Amor deve ser mais uma invenção de artista. Eles amam os aplausos, a adrenalina antes de entrar em cena, amam inventar mundos perfeitamente imperfeitos. Como queria ser um deles!

Queria ser estrela, tornei-me criada. Não canto, não danço e me canso só de ver um livro. Como poderia ser outro se não esse que só conhece a sujeira da própria vida? Divido as bixas em dois principais grupos: aquelas que engolem livros para alegrarem suas famílias hipócritas e aquelas que trepam em cima de qualquer ser que tem duas bolas entre as pernas. O primeiro tipo tende a casar com outra bixa como ela em alguma igreja falsa, ter bons salários, morar em uma academia de ginástica e mais tarde padronizar o rosto e o estilo de vida seguindo o modelo que aí está. Essas são chatas, prefiro o outro grupo. As outras são feias, esquisitas e morrem cedo. Vejam só, essa sou eu! Todas infelizes, porque só os atores podem ser felizes! Agora, se você é bixa e artista, meu bem... você tirou a sorte grande!

Como estava dizendo, sou do grupo 2 e fui criada. Trabalhei por um curto período como garçom em uma conhecida sauna dessa província. A sauna 69, localizada no coração da cidade é um

ponto de encontro que reúne homens de diferentes idades e que tem como principal objetivo: o sexo. Minha função era limpar e preparar o espaço onde dezenas de transas aconteceriam ao longo do dia e servir bebidas e comidas aos clientes. Ao som de Madonna, Cher, Taylor Swfit e outras divas pops estadunidenses e ainda com o ruído do jogo de futebol ligado na tv, passava as tardes e noites acompanhando o movimento entre as cabines privadas, o bar e as saunas seca e a vapor. Já havia frequentado aquele ambiente anteriormente, conhecia a dinâmica do flerte e como funcionava a pegação ali, alguns dos clientes inclusive, já conhecia intimamente. Estando do outro lado do balcão, tive a oportunidade de viver uma outra experiência. Em um ambiente em que a norma é a nudez e o sexo é o objetivo, chamava a atenção dos clientes pela oposição. A beleza não é um dos meus atributos, mas estava vestido, portava-me de maneira profissional ignorando as investidas dos clientes e por isso recebia propostas financeiras, números de telefone, elogios, cantadas escandalosas. Não me incomodava com nada que acontecia. Era desejado por ser inacessível, ou por estar em uma posição de inferioridade servindo os clientes? O que pensa você?

Naquele mesmo ano, a sombra púrpura visitou outras pobres bixas como eu. Enquanto procuravam prazer nos aplicativos específicos para nós, tiveram o desprazer de encontrarem a besta. Não poderia descrever de outra forma aquele que usa o tesão como estratégia para matar. Aquelas mortes frearam a pegação na cidade, as bixas voltaram-se para seus armários de luxo e eu fui direto para o olho da rua.

A rua é um lugar que combina muito bem comigo sabia? Durante a madrugada as ruas dos bairros mais nobres das cidades são habitadas por ratazanas libidinosas. Nós, bixas do segundo escalão, prostitutas, viciados, bêbados, pessoas em situação de rua nos encontramos em uma grande orgia.

Voltava trançando as pernas desfilando pela calçada depois de uma bebedeira no fim de semana, quando avistei o homem sem rosto. Um homem com um corpo másculo, peludo, com a camisa suja e a calça rasgada. Ele estava parado fumando um cigarro a meia luz, não consegui ver seu rosto. Passando por ele, olhei na linha do horizonte e vi que apertava um volume enorme na calça, onde também saltava muitos pelos pubianos. Bom, sou corcunda assim desde muito nova, meu horizonte é a zona de prazer. Na escola era chamado de Quasimodo, pode uma coisa dessas? Se ainda fosse a Esmeralda... Não trocamos nenhuma palavra, ele seguiu-me por um momento, parou, abaixou as calças e começou a punhetar. Eu prontamente, aproximei dele senti um cheiro forte de pau. Provavelmente não tomava banho há algum tempo. Tive receio a princípio de colocar a boca, lambi hesitando um pouco a extensão daquela rola, logo ele me pegou pelos cabelos e me fez engolir tudo

de uma vez. O gosto salgado daquele homem me excitava. Gemendo, o sem rosto levantou-me, abaixou minha calça e puxou para cima a cueca que vestia, transformando-a em um fio dental. Acariciava a minha bunda e respirava fundo no meu ouvido enquanto roubava meu telefone e o pouco dinheiro que me restava.

Em outra noite, fui propositalmente passear na mesma rua. Fui preparado dessa vez. Carregava apenas camisinha, lubrificante, cigarro e a identidade. Tinha medo de morrer e ser enterrado como indigente. Já estava acostumado com a presença da sombra da morte, aprendi a lidar com ela. Enquanto caminhava, um carro de luxo parou ao meu lado. Um homem de meia idade, bonito e cheirando a perfume caro. Ele perguntou-me se queria carona, como diria não? Era exatamente o que desejava. Paramos em uma rua escura, ele subitamente agarrou meu pau, disse-me que queria ser fudido. Mostrou-me o rabo peludo e mandava-me comê-lo enquanto cheirava um vidrinho fosco. Sou muito obediente, fiz o que pedia. Metia no homem com três cuspidas e sem camisinha. O homem do perfume caro pediu-me para enforcá-lo. Fiz o que pedia. Pediu-me para enforcá-lo mais forte, fiz o que pedia. De repente lá estava o homem apagado. Desesperado, com o pau no corpo do homem inerte, tentei reanimá-lo. Pensava que havia matado o tal homem. Ele despertou depois de alguns segundos e com muita força me deu um soco na cara. Jogou-me para fora do carro e dessa vez era eu quem dormia com as calças abaixadas na rua.

O desejo transforma-nos em um tipo animalesco. Saímos à caça e às vezes somos caçados. Eu, o homem sem rosto e outro do perfume caro não eramos humanos naquele momento. Procurávamos um tipo de euforia que só encontramos quando rompemos a fantástica ideia de humanidade. O risco de atravessar esse limite é não conseguir voltar.

Depois daquele dia decidi ser decente e acabei defunta. Encontrei um trabalho como vendedor em uma loja do shopping. Queria ser como as bixas do primeiro escalão, mas ainda era torta, magra e burra. Como poderia encontrar alguém que me amasse sendo eu daquele jeito? Pensava em ser artista, livre e criativa. Quando fui vivo era mais morto do que sou hoje e a partir do momento em que decidi ser decente nada mais me animava.

Ainda pensava em ser artista. Pensei em escrever contos pornográficos, mas não sabia como começar. Um diário, todos os artistas têm um diário de fantasias. Comprei um caderno de folhas amarelas e comecei a escrever o meu próprio diário.

Que vida pacta e sem graça eu tinha! Escrevia dia sim e outros três dias não. Até que alguma coisa nova aconteceu e finalmente tinha o que colocar no papel. Esse é o desenvolvimento do

acontecimento mais importante da minha vida: a morte. Por isso, a narrativa agora será contada com o *frisson* do desenvolvimento dos fatos. Revelo a você uma fatia do meu ín-ti-mo.

24 de dezembro

Chegando em casa cansado depois de um dia de trabalho, com as bochechas doloridas de tanto sorrir e com a cabeça atordoada com o barulho do trânsito de pessoas em um *shopping* na véspera de Natal, lembrei que a geladeira estava vazia. Exausto, dei meia volta e segui em direção ao supermercado. Enchi uma daquelas cestas pequenas com as primeiras embalagens que vi pela frente e fui em direção ao açougue. Pedi um quilo de coxa e outro de... não lembro mais.

-Tá aqui garoto!

Essa foi a resposta que ouvi. Uma voz grave, lenta e baixa. Fiquei imóvel. Aquela voz me fez arrepiar, suar frio. Senti uma sensação de tesão e vergonha, não tive coragem de olhar para ele. Estiquei a mão tentando alcançar os dois pacotes que estavam no balcão. Toquei sua mão. Uma mão firme, mas ainda com a pele suave. Devia ser jovem, pensei. Agradei, paguei as compras e voltei para casa, com a sensação daquele toque e com aquela voz forte, viril ecoando em mim.

25 de dezembro

- Tá aqui garoto!

- Tô aqui!

- Aqui?

- Tô!

- Garoto!

Gozei muitas vezes lembrando da voz do açougueiro e criando possibilidades de discurso com as únicas três palavras que havia escutado daquele homem. Tentei escrever um conto pornográfico, mas não consegui. Como poderia descrever seu rosto, seu corpo? Não tive coragem de olhar para ele. Por que não levantei a cabeça? Preciso vê-lo de novo. Preciso comprar carne! É natal! Amanhã eu volto. Amanhã eu o vejo, quem sabe talvez fale com ele.

31 de dezembro

Hoje o dia foi muito corrido, atendi muitas madames e gente feliz. Todos esperançosos por uma nova oportunidade de recomeçar. Eu nem consegui pensar nas promessas para o ano que inicia

daqui a pouco. A virada do calendário me angustia muito, sempre acho que pode ser o fim. Nesse momento é que me dou conta de como o tempo está passando, dos aniversários que completei, das histórias que ainda não vivi. Preciso acelerar, meu prazo de validade está acabando...

É *réveillon* e quase todo mundo está de branco. Resolvi usar uma camisa rosa lá da loja. Vou encontrar o meu bando, preciso levar carne, bebida e fingir entusiasmo. Antes de ir para a festa passei no supermercado. Fui direto ao açougue procurando o dono daquela voz que habitava meus desejos mais íntimos. Não sabia o nome e nem como era o açougueiro que havia me atendido da última vez. Pedi o de sempre: um quilo de coxas e outro de ... não lembro.

Para minha surpresa, a voz não era a mesma. Não era ele. Perguntei o preço de outros cortes para o outro açougueiro. O outro respondeu com uma voz cansada e ofegante. Não era ele, não podia ser. Procurei aquela voz em todos os funcionários do supermercado. Perguntava o preço e onde poderia encontrar produtos que não precisava na esperança de descobrir quem seria aquele homem. Desisti, peguei a pequena cesta com os dois pacotes de carne e aguardava distraído na fila do caixa.

- Sua vez garoto!

Ouvi novamente aquela voz atrás de mim. Lembro de sentir minha temperatura mudando, o sangue circulando em uma velocidade que desconhecia. Virei rapidamente para trás e lá estava ele. Um homem magro, branco, alto, sisudo. Seu rosto marcado com fortes linhas de expressão. Não era velho, mas parecia bravo. Os olhos juntos e a testa franzida me excitaram, tentei esconder meu pau duro marcando na calça. Ele repetiu:

- Sua vez garoto!

Não consegui dizer nada, apenas segui rapidamente sem olhar para trás. Voltei, apressado para casa, para registrar aquele encontro e aproveitei para aliviar a tensão e tirar o último leite do ano. Estou saindo agora com cheiro de porra, será que vão perceber?

01 de janeiro

Novo ano e já estou cansado. Apesar da ressaca, acordei animado com aquele encontro de ontem. Tenho a impressão de que esse ano algo vai mudar. Não paro de pensar no açougueiro.

- Sua vez garoto!

- Minha vez!

- Garoto, tá aqui!

- Aqui, aqui, aqui...

- Garoto!

Estive mais uma vez unido as poucas palavras que ouvi daquele homem e a fotografia de um rosto viril nos delírios de uma imaginação erótica. Aos poucos montava aquele quebra-cabeças e criei cenas ainda mais picantes que me acompanham o tempo todo. Talvez agora consiga escrever meu conto.

03 de janeiro

Comprei um quilo de coxas e outro de...

-Tá aqui garoto!

Ele respondeu.

20 de janeiro

Já não aguento mais comer coxas e ... fui ao supermercado determinado a pedir outra carne, outro corte. Ele me viu e antes mesmo de chegar ao balcão falou alto:

- Um quilo de coxas e outro de...

- Isso mesmo! Você já me conhece né?!- Respondi

- Claro, você vem sempre. Meu cliente!

Esse “meu cliente” me levou às alturas, abri um sorriso largo e ele permaneceu sisudo como sempre. Fui embora com esse “meu” na cabeça. Passei o dia respondendo:

- Seu, seu, seu...

20 de fevereiro

Minha casa fede carne podre. Não há mais espaço na geladeira para armazenar tanta carne. Amanhã é carnaval e ainda não sei se vou de santinha do pau oco ou de diaba do rabo quente. Não tenho tempo para limpar a geladeira. Nada de importante aconteceu hoje, mas certamente terei uma boa história depois da festa.

Carnaval, uma festa onde tudo é permitido. As pessoas exalam cheiro de sexo, todos riem de piadas sem graça, bebem exageradamente, mijam na rua, fantasiam-se. O único momento em que mostramos a melhor parte de nós. Essa é a minha festa preferida. Exagero, desperdício e transgressão, eu sou o Carnaval! Qual foi a última fantasia que usou? Eu decidi ir de diaba do rabo quente. Não

precisa nem explicar a razão dessa escolha, né? Vesti uma tiara com grandes chifres de plástico, maquiagem forte e um shortinho beira cu. Saí para o crime!

Encontrei alguns amigos e seguimos em direção à farra e à putaria. Naquele dia não fui trabalhar, esqueci da vida decente que projetava e segui em direção ao bloco das Gazelas. Estava de costas, quando ouvi ao pé da orelha:

- E essa coxa, garoto?

Virei rapidamente, já conhecia aquela voz. Era ele, o açougueiro. Não estava fantasiado e parecia um pouco bêbado. Estava sem camisa e suado, exatamente como o imaginava nas minhas punhetas noturnas. Sorri imediatamente, ele também sorriu. Foi a primeira vez que o vi sorrindo. Faltavam-lhe dois dentes na frente e um ou dois na lateral. Meu tesão e o encantamento que vinha nutrindo durante tanto tempo não acabaria pela falta de dois pares dentes. A falha na dentição deixava o açougueiro ainda mais encantador e singular.

Com o rosto sisudo, marcado por linhas de expressão, o rapaz sabia sorri. Devolvi o sorriso, começamos a rir. Já não sabia o que sentia, mas alguma coisa naquele homem desconhecido despertava-me algo quase instintivo. Nos afastamos, mas não o perdi de vista em nenhum momento. Continuei bebendo hipnotizado por ele.

Depois de umas latinhas de cerveja e tomado por uma coragem que só o álcool pode nos proporcionar, aproximei-me dele. Não disse nada, mas com um único gesto o açougueiro conduziu meu olhar.

Ele coçou o saco por cima da calça e eu acompanhei aquele movimento.

- Você gosta né?! Já percebi!

Tentei falar mais próximo dele e rapidamente fui afastado com a mão no meu peito.

- Não, aqui não. Ninguém sabe de mim. Vamos para um lugar mais reservado.

Não lembro se respondi alguma coisa. Ele desceu em uma rua escura, entrou em um terreno baldio e acenou para mim. Eu ... fui.

Era 29 de fevereiro quando encontraram meu corpo em um terreno baldio no centro da cidade. O cheiro forte de carne podre despertou a curiosidade da vizinhança. Manas, carne humana tem um cheiro muito específico. Fétido e já em estágio elevado de decomposição, descansava com marcas de socos e tijoladas do último carnaval. As mãos firmes e nem tão suaves assim, desenharam um colar no meu pescoço. Ao lado daquele corpo enrijecido e sem vida, encontraram meu telefone, sem notificações, sem chamadas perdidas. Estava só, descansava enquanto alimentava os vermes e insetos da terra.

Um fim trágico para um corpo desejanste. Depois de morta, assisti muitas vezes o mesmo filme. Outros personagens, mas a mesma narrativa. Agora, vendo vocês, fico imaginando se meu diário não tivesse acabado naquele dia. Que outras histórias eu teria escrito? Conseguiria, em algum momento da minha jornada ser artista?

Fricções: Do corpo à palavra

A autoficção *Diário de uma bixa* é fruto da provocação do Professor Getúlio Góis, coorientador da minha pesquisa de mestrado. Nesta pesquisa, investiguei o erotismo como motor ético e poético na prática artística contemporânea. Nós, artistas, criamos discursos valendo-se de disparadores criativos, utilizando recursos que geram textos de ordens distintas. Procurei aqui, a poética obscena expressa na narrativa escrita e a relação entre o real e o ficcional no processo criativo de uma autoficção. O corpo é o lugar de onde falo e por onde realizo esta interlocução.

As questões que envolvem as identidades colocam o corpo no centro da pesquisa na prática artística contemporânea. Essa inclinação observada por Leandro Colling (2021) faz parte de um movimento de ruptura, descrito por Renato Cohen (2002), como *live art*. Cohen (2002) vê nesse movimento, o desejo de romper o formalismo das linguagens artísticas e das fronteiras entre arte e vida, característica que não está restrita apenas a performance. O autor pondera em uma nota explicativa:

É importante discutir um paradoxo dentro de nossa conceituação de *live art*. Apesar de a mesma essencialmente buscar o vivo, a aproximação entre vida e arte, ela se afasta de toda tentativa de representação do real. Todo movimento dito "realista" é divergente das idéias da *live art*. Um quadro realista visa representar o objeto, da forma mais fiel possível. Essa representação, em si, é a morte do objeto. Nesse sentido, responderíamos às formulações iniciais, podendo colocar a função da arte dentro dessa concepção como sendo a de uma reelaboração do real (a obra de arte tem vida própria, não se limita a representar o objeto) e não uma representação do real. (2002, p.39)

Nessa mesma perspectiva, apontada por Cohen (2002), inicio o processo criativo de *Diário de uma bixa*. Assim como Janaína Leite (2014) no processo criativo de *Cartas ao meu pai (2014)*- descrito na sua dissertação de mestrado²- também observo uma interdependência entre os acontecimentos reais e a criação artística neste trabalho. No entanto, ao contrário da artista, este não

² *Autoescrituras performativas: do diário à cena- As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea* (LEITE, 2014)

é um texto autobiográfico. Experimento aqui, a fabulação do real. Desse modo, não há nenhum compromisso ético com a verdade nos episódios apresentados na narrativa.

A autoficção diferente da autobiografia, apropria-se de elementos reais do autor com a finalidade de estabelecer uma ficção. Desse modo, não é possível separar o relato, o fato e a invenção dos eventos. Sérgio Blanco (2018) apresenta uma definição interessante sobre a autoficção. Ele diz: “Não estamos diante do dilema de <ser ou não ser>, mas da certeza de <ser e não ser>.”³ (p 23). A simultaneidade e a dubiedade me instigam. O texto é de fato é uma ficção, mas o que há nele de real? Essa é uma questão que, a meu ver, não pode ser revelada. Seria uma forma de tirar a oportunidade do espectador/ leitor de fazer suas próprias fabulações a partir da obra.

Neste exercício de escrita criativa, reformulo dois trabalhos que não foram finalizados para a criação de um objeto novo. Não há o desejo aqui, de falar sobre minha trajetória, mas de estabelecer um diálogo íntimo com o leitor, ampliando as questões abordadas para o pensamento coletivo. O jogo estabelecido aqui é: construir um eu que narra a história de muitos de nós. Através do pretexto de que algo é verdadeiro na história contada, espero que o texto aproxime o leitor, por meio de uma realidade inventada, sobre a hostilidade e o prazer cotidiano. Embora esteja imbricado completamente na obra, tenho ciência que gozo de privilégios que a personagem desconhece. Por esse motivo, essa é e não é a minha história.

Para a construção dessa narrativa parto do *Decálogo de um intento de autoficción* (2018, p.53) presente no livro *Autoficción: una inceniería del yo* de Blanco (2018). Esses, são dez componentes do processo de escrita do dramaturgo que orientam sua investigação com a autoficção nas suas criações. São eles: a conversação, a traição, a evocação, a confissão, a multiplicação, a suspensão, a elevação, a degradação, a expiação e a *sanación*⁴. Destaco aqui, a conversação, a traição e a suspensão, que foram elementos em que estive atento durante a elaboração da narrativa.

Segundo Blanco (2018), a escrita altera os fatos através dos “mecanismos da poetização”⁵ (p. 58) porque reordenam as experiências reais. Através da conversação a personagem transforma-se, é no diálogo que conhecemos as nuances da construção daquela que fala. Em *Diário de uma bixa* há uma transformação notável que pode ser observada na irreverência na linguagem e no modo como a protagonista comunica-se quando está morta e no seu diário quando viva. No diário, a personagem apresenta as inseguranças, a excitação e o medo próprios do presente, do corpo que não sabe mais do

³ Tradução livre

⁴ A tradução dos termos mencionados anteriormente é minha. O termo *sanación* não foi traduzido pois não encontrei uma palavra apropriada que conserva o sentido original utilizado pelo autor. Literalmente *sanación* significa cura.

⁵ Tradução livre.

que aquilo que experimenta no aqui agora. Quando conversa com o público, a personagem tem domínio da sua trajetória, narra o passado. Dessa maneira, é capaz de brincar com as palavras, distancia-se dos fatos e cria momentos de reflexão partilhadas com o leitor.

O segundo elemento utilizado, a traição, sugere a infidelidade com o real. Assim como Blanco (2018) desapego-me da ideia de que sou dono da experiência. Inclusive alguns dos eventos contados, surgem de outras histórias que ouvi. Desse modo, o texto ganha autonomia no seu desenvolvimento. A personagem central inicia o texto anunciando a própria morte e promete contar como o acontecimento se deu. De fato, ela o faz, mas traí o leitor ao prendê-lo na narrativa que ultrapassa a própria promessa. Através do mecanismo da conversação a personagem encadeia memórias e provoca o leitor falando de si como se estivesse ao mesmo tempo fora e dentro das situações. O texto cria um pacto com o leitor, narrar a morte. A personagem conduz o desenvolvimento desse pacto dando indícios, através de outras histórias, que mais tarde vão montar o quebra-cabeças.

A suspensão, para Blando (2018) é a interrupção do tempo natural, onde passado e futuro continuam tão incertos como o presente. Desse modo, a desordem do tempo nos direciona para questões importantes da trajetória da narrativa. Nesta experimentação, a personagem narra no presente o que foi vivido, dialoga com o leitor, fala sobre o passado no passado e faz conjecturas sobre um futuro utópico. No meio dessa confusão, os limites são borrados. Se a vida é determinada pelo tempo, a morte é o oposto.

Outros elementos abordados por Blando (2018) também aparecem na construção narrativa, guiados especialmente por esses em que aprofundei, como: a confissão e a evocação. Particularmente não estou de acordo com Blando (2018) sobre o último elemento abordado, *la sanación*. O autor sugere que a autoficção opere, através da palavra, como uma espécie de cura das inquietações de quem escreve. Neste sentido, prefiro agarrar-me ao caráter performativo do texto observado por Austin (1990), ou seja, ação. O autor observa como a palavra transcende a ideia de veículo de transmissão de informação e de fato realiza algo. A palavra age na direção do seu valor semântico ou no seu sentido contrário. Há um efeito real quando a palavra é expressa, a linguagem torna-se corpo. Octávio Paz (1994) a partir da relação entre a poesia e o erotismo compreende que a linguagem poética desvia de sua finalidade habitual, ou seja, a comunicação. Do mesmo modo, o erótico insere na sexualidade o prazer sexual dissociado da reprodução. Paz observa:

A linguagem- som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas- é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera

sexualidade animal- é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. (1994, p. 12)

A partir dos pensamentos de Austin (1990) e Paz (1994) penso a palavra, na elaboração criativa, como movimento do sensível que impulsiona, mas não resolve. Expondo-me ou não - dúvida que permanece devido aos artifícios da elaboração ficcional- considero a autoficção como a partilha de uma micro-história que está inserida em um contexto maior. Pensá-la como cura pessoal é, de certa forma, supervalorizar o real no processo artístico, aspecto que não estou de acordo.

Neste processo, busquei através da minha prática como fotógrafo e ator, o caráter performativo e obscuro da palavra. Através da escolha de descrições de cenários e pessoas que lembram imagens fotográficas e utilização de uma linguagem que aproxima da comunicação oral, tentei dar corpo ao texto.

Reflexo: O gozo e a morte

O texto *Diário de uma bixa*, aborda o erotismo a partir da perspectiva e estudo de Georges Bataille (1987). Através da articulação do contexto social de corpos que desafiam a norma e elementos autobiográficos, investigo a palavra como gesto político. A autoficção foi utilizada como uma forma de expor a exclusão social de parte dessa população, identificar os limites entre o erótico e a violência e celebrar o gozo da experiência *guei*, a partir de uma construção narrativa que entrelaça a sexualidade e a morte.

A relação entre o desejo erótico e a morte é uma das principais questões observadas por Georges Bataille (1987). O êxtase para o autor, está ligado ao movimento da transgressão em que, na realização do erótico e da morte, o objetivo é o rompimento dos limites do eu, do outro e do mundo. Dessa maneira, o gozo e a finitude rompem ou suspendem temporariamente os pactos coletivos e a ideia de identidade individual. Bataille (1987) aponta que o erotismo está ligado à um desejo intenso de ultrapassar os limites. A morte, portanto, seria o oposto. Uma vez que ultrapassado o limite da vida, nada mais existe. Essa é uma forma de transcender de forma irreversível. Nos dois casos, na tentativa de chegar ao ápice da experiência, pode-se observar um elemento comum da transgressão: a renúncia do controle de si, que acontece através do sacrifício e da violência. O autor ainda afirma:

Existe sempre um limite a que o ser se adapta. Ele identifica esse limite ao que ele é. O horror toma conta de seu pensamento se esse limite pode deixar de existir. Mas nós nos enganamos levando a sério o limite e o acordo que o ser lhe dá. O limite não é dado senão para ser

excedido. O medo (o horror) não indica a decisão verdadeira. Ele incita, ao contrário, num contragolpe, a ultrapassar os limites. (1987, p. 95)

A partir da observação de Bataille (1987), podemos pensar a morte de forma simbólica ou literal e o erótico ligado à atividade sexual ou não. O que interessa aqui, é verificarmos como os limites consolidam e impulsionam os nossos desejos. Os interditos traçam uma trajetória onde construímos aquilo que há de mais íntimo e profundo. Pergunto: De que forma a obra apresentada pode contribuir para a reflexão sobre as políticas coletivas em questão?

O sexo, a violência, a excitação e o silêncio estão presentes no discurso e na vida do protagonista. Através de um contexto que não é precisamente revelado, imaginamos que essa é uma história que poderia ser ambientada em diferentes épocas ou lugares. No livro *Devassos no Paraíso- a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, João Silvério Trevisan (2018) constrói um panorama das relações homoeróticas ao longo da história do país. Com uma abordagem inaugural, Trevisan (2018) traz luz sobre o tema mostrando como alguns aspectos da maneira como a experiência homossexual acontece aqui, foram elaborados através de um longo projeto de higienização e vigília dos corpos. Deste modo, como observa o autor, nós brasileiros evitamos qualquer possibilidade de conflito temendo a opinião alheia. Em suas palavras: “(...) realizamos cotidianamente- em casa, no trânsito, no trabalho, na política e na cama- aquela vocação histórica para dissimular, evitando o confronto com fatos incômodos e desagradáveis, senão ‘o povo vai falar.’” (2018, p. 28) Acredito que o silêncio e as práticas sexuais sigilosas, indicam um traço colonial do desejo que ainda é presente na sociedade brasileira. É inegável que a vivência como homossexual no século XXI apresenta diferenças significativas em relação a outros períodos históricos, e é necessário reconhecer as conquistas sociais adquiridas do período colonial até os dias atuais.

No Brasil, podemos destacar a União estável entre pessoas do mesmo sexo (2011), garantindo direitos constitucionais igualitários aos casais heterossexuais; a criminalização da homofobia e transfobia (2019), através do enquadramento do crime na lei que pune o racismo (Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989); maior representação e visibilidade na mídia e nos meios digitais, com o surgimento de artistas e *influencers* que tratam sobre o tema; criação de programas de combate à homofobia, como o *Brasil sem homofobia* (2004) do governo Federal; direito à alteração de nome e sexo nos documentos oficiais (Lei 14.382/2022) e ao uso de nome social para pessoas travestis e transsexuais (Decreto Nº 8.727/2016); capacitação de profissionais da área de saúde para o atendimento da população LGBTQUIAPN+ e outros programas regionais e municipais específicos; e a organização da sociedade civil, com a criação de ONGs, casas de apoio e eventos que tratam sobre

a saúde, educação, visibilidade e violência na comunidade *cuir*. Todas essas conquistas garantem direitos básicos e a inserção social, de certa forma, de pessoas que fogem da norma de orientação sexual ou identidade de gênero. Ao mesmo tempo, as “partilhas do sensível” (RANCIÈRE, 2005) incluem essa população de um modo específico. É preciso considerar que essas políticas não funcionam plenamente e que por isso, o convívio social é limitado para nós.

No texto, a personagem expressa um forte desejo de se tornar artista, afirmando que só os atores são verdadeiramente felizes. Para ela, o palco é um espaço de poder. Um espaço de poder ser, de poder falar, de poder experimentar outras maneiras de apresentar-se ao mundo. Há nessa ideia, que trago na reflexão, um tipo de liberdade que a experiência artística possibilita através de uma licença consentida socialmente, para trazer à superfície aquilo que queremos esconder. A cena pode gerar um impacto significativo na sociedade, mas seu compromisso é antes de tudo, com aquele que se expressa em um exercício de exposição do corpo.

A relação entre morte e sexualidade, no percurso da personagem, pode ser interpretada de duas maneiras: a primeira denuncia a perpetuação da violência e a inadequação das medidas de proteção para certos grupos vulneráveis, enquanto a segunda é uma metáfora da marginalização imposta pela heteronormatividade, que exclui corpos que não se conformam aos padrões comportamentais ou estéticos estabelecidos.

Não é difícil encontrar obras de Arte homoeróticas que abordam essa mesma relação, isso porque talvez a ‘sombra púrpura’ ainda seja uma realidade para muitos de nós. No filme *Um estranho no lago* do diretor Alain Guiraudie (2013), por exemplo, acompanhamos a história de Franck, que frequenta um lago no interior da França destinado a encontros sexuais entre homens. Nesse lago, Franck conhece e apaixona-se por Michael. Após testemunhar um assassinato, Franck, guiado pela paixão e pelo desejo sexual, acoberta o crime de Michel e continua desenvolvendo a relação que iniciaram. O filme mostra o elo direto entre morte e erotismo criando um grande clima de tensão até o desfecho final. De forma distinta, acompanhamos uma narrativa parecida no romance *Johnny, você me amaria se o meu fosse maior?* de Brontez Purnell (2022). No livro, o protagonista- um artista emergente, negro, vivendo com HIV, estadunidense- conta as angústias das aventuras sexuais e românticas que viveu ao longo de sua vida. O romance narra a inconformidade do personagem central da trama com a comunidade *cuir*. Em uma passagem o personagem- ou o autor- diz: “Nós gostamos de diversidade só enquanto as pessoas agem próximo do que estamos acostumados. Assim que as coisas fogem disso, dedos são apontados e muros começam a subir. (2018, p. 3)”. Essas duas obras

são referências para o processo criativo de *Diário de uma bixa* e importantes disparadores para uma reflexão ampla sobre a ideia de uma comunidade entre pessoas LGBTQUIAPN+.

O filme de Guiraudie, o romance de Purnell e a autoficção apresentada aqui, abordam a violência entre pessoas homossexuais, a consciência do perigo iminente e o impulso sexual mediando as relações afetivas. Nas três criações a hegemonia faz-se presente intergrupo marginalizado ressaltando que a homofobia e o racismo, ainda são cultuados como valores civilizatórios e que operam de forma majoritária em diferentes camadas sociais. Transgredir à essa forma de dominação na Arte, é de certa forma, utilizar esse espaço de poder para revelar um projeto profundo de extermínio e controle de corpos não normativos e talvez, apontar outros caminhos para ver o mundo.

Embora o texto narre um percurso trágico, há uma inflexão debochada e desobediente da personagem no modo como fala de si e como conversa com o leitor. Depois de morta, tudo é possível, porque nada mais existe. A personagem não celebra a própria morte, mas a possibilidade de gozar do poder da palavra. Ela comemora a vida fazendo-se vivente através da voz e do corpo daquele que lê, por isso convido o leitor a permitir-se ser, ao mesmo tempo, porta voz e ouvinte dessa história que é minha, mas também é nossa. Esse caráter performativo indica um caminho estético e ético neste trabalho, sobre como podemos pensar essa discussão no campo artístico.

Paco Vidarte (2019) afirma a necessidade de se pensar em uma ética bixa, ou como prefere chamar uma *analética*. Isso porque, segundo o autor, todo tratado ético que se propõe a ser universal, defende os interesses específicos de um determinado grupo. Sem um pensamento *analético* quem nos defenderia das ofensas e da violência sistêmica, que ultrapassam as barreiras de uma falsa ideia de comunidade? Vidarte ainda afirma:

Todas as bixitrans, quando ainda pequenas alguém lhes pergunta o que querem ser quando crescerem, deveriam responder: ‘Quero ser sapa, bixona, transexual; quero poder me tornar um sujeito político real, capaz de intervir na sociedade a partir do meu ser lésbico. Estou me lixando se, depois, a inércia das coisas me levar a ser bombeiro ou DJ: isso é accidental. Quando for adulto gostaria de estar pleno e viver solidariamente a bixa que trago dentro de mim. Se em algum momento da vida me esqueço disso e me torno um taxista com práticas sodomitas, advogada cola-velcro, bombeiro travesti e acabo pensando que a minha vida sexual é privada e que o verdadeiramente sociável e público é tudo o que depende do meu status, da minha classe, da minha situação laboral, dos meus laços familiares, então deixei na sarjeta a lésbica bixa maravilhosa que ainda não sou, mas adoraria chegar a ser quando for adulta.’” (2019, p. 31 e 32)

A ideia de tornar privada a vida íntima, seja ela bem-sucedida ou não, é um privilégio hegemônico. Para as bixas, as saps, as monas e as minas, a exposição das nossas práticas sexuais é quase sempre tida como um castigo, motivo de ridicularização. E já que assim é, podemos tornar

nosso erotismo uma forma de rir desse mundo chato e sem cor. Depois que morre a personagem social cishetero, tudo é permitido. Essa é uma forma de transgredir, definitivamente, irreversível.

Referências

ALVES, Leandro Sousa. **Duvidoso ainda que entendido: perspectivas pornô eróticas sobre a fotoperformance, a escrita criativa e a cena teatral**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia- MG, 2023. Disponível em: [0009-0001-2158-1030](https://doi.org/10.0009-0001-2158-1030) - [ORCID](#) Acesso em: 15 abr 2024.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes De Souza Filho. Porto Alegre- RS: Artes Médicas Sul Ltda, 1990.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. LePM editora. São Paulo. 1987.

BLANCO, Sergio. **Autofición: una inceniería del yo**. Madrid- Spain: Punto de vista editores, 2018.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo- SP: Editora Perspectiva, 2002.

COLLING, Leandro. **A vontade de expor: arte, gênero e sexualidade**. Salvador- BA: EDUFBA, 2021.

GUIRAUDIE, Alain. **Um estranho no lago**, 2013.

LEITE, Janaína Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena- As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea**. (Dissertação de Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo- SP, 2014. Doi: 10.11606/D.27.2014.tde-27022015-160605 Acesso em: 05 de junho de 2023

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução: Wladyr Dupont. São Paulo- SP: Siciliano, 1994.

PURNELL, Brontez. **Johnny, você me amaria se o meu fosse maior?** Tradução: Regiane Winarski. São Paulo- SP: Planeta, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. 2005. **A partilha do sensível: estética e política.** São Paulo: EXO/34.

TREVISAN, João. Sivero. **Devassos no Paraíso- a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 4ª ed. Rio De Janeiro- RJ: EDITORA OBJETIVA LTDA, 2018.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ.** Trad. Pablo Cordellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos São Paulo: n-1 edições, 2019.